

## A PROBLEMATIZAÇÃO DA HISTORIOGRAFIA LITERÁRIA NA CONTEMPORANEIDADE

Roberto Carlos Ribeiro (PUC-RS)

RESUMO: Este artigo trata de algumas questões sobre historiografia literária e os estudos literários atuais.

PALAVRAS-CHAVE: Historiografia; Literatura; Teoria alemã.

ABSTRACT: This article treat of some questions by literary historiography and the current literary studies.

KEYWORDS: Historiography; Literature; German theory.

Já é lugar-comum dizer que a história da literatura passou de um período hegemônico – século 19 e início dos 20 – para uma estagnação. O surgimento de novos estudos nos anos 1960 e 1970 – formalistas russos, a Nova Crítica americana, o Estruturalismo, etc. – abafaram o que restava da concepção positivista da disciplina que propunha uma visão global e verdadeira dos objetos estudados. Chegou-se à conclusão de que tal conhecimento era impossível. Em um mundo cada vez mais multifacetado, em que a pluralidade se torna a tônica dos questionamentos, a resposta não pode e não deve ser unívoca: deve haver respostas. Assim, a história da literatura passou a ser histórias da literatura. No lugar do único, o múltiplo. Em vez da verdade, as verdades. No lugar do certo, o relativo.

A história da literatura depara-se com uma crise. A unicidade é questionada. A visão de que existiria uma única e verdadeira história é posta em questão. A materialidade do passado é discutida. Nos estudos de historiografia da literatura atual, de acordo com a visão dos pesquisadores universitários, não se crê ser possível que um único estudioso, um homem de letras possa escrever toda a história da literatura de um país, sem que apareça a sua subjetividade. Ou seja, o objeto deixa de ser impessoal para se transformar em um discurso pessoal, localizável, manipulado. A crise da história da literatura é uma crise de autenticidade. Sem prestígio e sem respeitabilidade científica, o seu caminho parecia sem volta. A partir do já famoso texto de Hans Robert Jauss, *A história da literatura como provocação à teoria literária* (1967), a história da literatura começou a se questionar e a procurar soluções para os seus problemas.

Era preciso soltar as margens que até então encapsulavam a história da literatura na camisa-de-força chamada positivismo. A partir do ensaio de Jauss, a disciplina em questão passou a ter um sopro de vida, pelo menos do ponto de vista acadêmico, com a estética da recepção nos anos 1970. De outro lado, a nova história que provém dos historiadores que pertenceram à *École des annales* – Febvre e Braudel – e alguns pesquisadores que se interessaram pela questão, como Raymond Aron, Veyne, De Certeau. *Grosso modo*, todos estavam preocupados com a decadência do prestígio da disciplina e, ao mesmo tempo, procurando saídas para a continuação dos estudos historiográficos. Era preciso acabar com a ingenuidade dos fatos, para se recu-

perar a cientificidade da história. Tornou-se necessário desvendar o lugar do historiador para acabar com a mal usada objetividade da disciplina. O predomínio da escola francesa, nessas questões, evidencia a preocupação, desses historiadores, com a modernização da disciplina. Entretanto, pode-se supor que a fonte de tais preocupações deva ser alemã<sup>1</sup>.

Por outro lado, algumas teorias que tentam dar conta da questão da história da literatura, igualmente, partem da Alemanha. A professora Heidrun K. Olinto é uma das apresentadoras dessas teorias para os acadêmicos brasileiros. O professor Luiz Costa Lima também opera com essas vias, faz algum tempo, devido a sua familiaridade com a língua e a cultura alemãs, assim como a professora. Por esse viés, percebe-se que a cultura alemã tem uma forte relação com as questões de história. Mas essa ponta da meada não será abordada aqui, somente a constatação do lugar de origem das teorias, tanto em história quanto em história da literatura.

Dito isso, pode-se questionar o que interessa nessa comunicação: o estado atual da problematização da historiografia literária, de acordo com algumas especulações teóricas de procedência alemã transcritas, principalmente, na obra *Histórias de literatura: as novas teorias alemãs*, da professora acima citada. Pelo título do livro, percebe-se a relação com a questão exposta na introdução desse artigo. A pesquisadora tem consciência de que não se pode mais buscar uma única história, mas sim histórias no plural. A pluralidade é a face da contemporaneidade. Assim, apresenta-se uma grande rede em que alguns pontos entram em contato, mas que não apreendem o unívoco, pois este é inapreensível. Não se pode mais voltar à materialidade, à observação e ao objetivismo do século 19. Não só a literatura, como a história, está sob o impacto da pluridiversidade, mas outras áreas e disciplinas também se vêem acossadas pelo transbordamento de conhecimento que na atualidade se faz presente, quando se pretende pesquisar determinados objetos. Por isso, Olinto diz que “a experiência básica atual de contingência e interdependência de praticamente todos os processos da vida social e cultural (...) suscita novas respostas para contrabalançar essas perspectivas sentidas como anárquicas” (OLINTO 1996: 16).

Na contemporaneidade, vive-se a apreensão da contingência, da incerteza, pois as áreas de conhecimento não conseguem mais criar fronteiras, membranas cerceadoras de uma dada realidade como única e imutável. O homem moderno se depara, a cada momento, com uma interdependência que o torna parte de todos os processos que o formam e o informam. Dessa maneira, a vida social e a vida cultural se espalharam por espaços em que a vista não alcança mais, no entanto, sabe-se que estão lá, só esperando alguma ligação – algum *link* – para trazê-los para perto. A primeira impressão, para quem olha de fora de um sistema assim constituído, é de anarquia, de contingência.

O processo de destruição da certeza positivista abriu a caixa de pandora da realidade do pesquisador atual. Alguns anos atrás, um historiador da literatura brasileira, por exemplo, escrevia seu trabalho montando uma lista de obras e autores, geralmente por ordem cronológica, separados por períodos que enfaixavam essa obra sob um conceito de escola. O material, de serventia didática, falsamente, representava uma certeza, uma verdade sossegada e tranqüila para aqueles dependentes dele. A partir da derrocada desse mundo perfeito, sobrou, para o historiador da literatura “um ofício difícil, mas estimulante e criativo” (Idem, *ibidem*). Como enfrentar uma historiografia literária nessas condições?

Para o americano David Perkins (que não é da escola alemã, mas contribui aqui com uma teoria da narratividade da história da literatura), a “narrativa histórica literária não pode usar técnicas da ficção moderna e pós-moderna” (PERKINS 1999: 25), pois tais técnicas problema-

---

1 Raymond Aron (1905-1983), sociólogo, filósofo e jornalista francês, teve a sua formação influenciada por sua permanência como agregado de filosofia na Alemanha. Escreveu *A sociologia alemã contemporânea* (1936) e *Ensaio sobre a teoria da história na Alemanha contemporânea* (1938). O sociólogo francês está presente, com a sua tese *Introduction à la philosophie de l'histoire* (1938), na base de vários textos de historiadores subsequentes, como um dos que primeiro questionaram o positivismo.

tizam a linearidade e o fechamento característico de narrativas tradicionais. Elas trabalham com o sentido de fragmentação e com a questão da abertura para a integração entre obra e leitor. E a história da literatura, pelo contrário, deve explicar, argumentar e conter seu objeto dentro de parâmetros verossímeis e identificáveis, ou seja, não pode deixar espaço para que o leitor complete um provável final aberto, visto que a historiografia necessita de cortes que contenham o objeto em estudo, em um espaço e tempo. O pesquisador salienta que é essa segurança, de algo possível de ser domado, que faz com que a narrativa histórica literária não possa refletir o mundo enquanto contingência e incerteza. Se o mundo está mergulhado nessa situação, a história da literatura não pode refletir a pluridiversidade em que se encontra a sociedade e cultura atuais. Para ele, nem agora nem no futuro se poderá viabilizar a contingência dentro de uma história da literatura, porque, se isso acontecer, ela não existirá como tal, pois deixa de ser explicativa e histórica.

Desse ponto de vista, Perkins levanta uma questão interessante que se torna apropriada para o estudo presente. A história da literatura deveria atender a dois aspectos: o da "plausibilidade", isto é, reconhecer que para ser factível seria necessário aderir à receptividade da multiplicidade, heterogeneidade e aleatoriedade; por outro lado, se ela atender a esses aspectos, deixa de ser "explicativa", deixa de ser história e se torna apenas uma narrativa a mais. Dessa maneira, seu argumento cruza com o de Olinto, quando descreve que a "produção ilimitada de objetos multiplicáveis ao infinito pelo olhar sempre renovado do historiador-construtor oferece ângulos interessantes para tarefas, por enquanto consideradas inalienáveis para uma historiografia da literatura" (1996: 16-17). Para a pesquisadora, é impossível, por enquanto, que a historiografia da literatura produza uma história da literatura que abarque a multiplicidade de objetos que giram ao redor da disciplina.

Vislumbram-se, no horizonte, as questões levantadas por teóricos e estudiosos que transferem para a disciplina algumas possíveis respostas para a problematização. Os textos que abrangem as questões parecem um *tour de force* em que se procura uma resposta para o problema, mas essa saída não se apresenta tão fácil quanto poderia ser. Heidrun Olinto, em um ensaio seu, depois de 12 páginas, chega à seguinte conclusão: "[a questão temporal, que continua inspirando novas reflexões sobre histórias de literatura] (...) continua sendo uma questão" (2003: 34). Baseada em conceitos propostos pelo sociólogo Niklas Luhmann, a pesquisadora tenta atrair, para a historiografia da literatura, a concepção de sistema desligado de "articulações lineares, teleológicas e dialéticas" (2003: 24). Em suma, o modelo funciona como uma balança que tenta regular um caminho possível entre o sistema e o entorno, entre o todo e suas particularidades. Nada parecido com o efeito de causa e consequência, ou como uma escada em que se progride do pior para o melhor. Nem, tampouco, com conceitos que relevam a oposição como eixo central.

É importante, dentro dessa realidade, observar aquilo que está à margem do sistema; aquilo que se torna o anormal, que se desvirtua de uma norma. Em estética, o anormal surge como ruptura do que está sendo considerado como regra na atualidade. Não existe capacidade humana, ainda, para se observar esse sistema. Para o historiador, ancorado em um tempo e espaço específicos, é como se ele, o ponto fixo, fosse rodeado por rede que se prolongam e se estendem ao infinito, abrangendo passado e futuro, sem poder discernir o que são causa e consequência. Sendo assim, o tempo se espalha e o instrumento principal do historiador se perde. Sem um tempo cronológico, não existe a simultaneidade. Sem esses instrumentos, não pode haver historiografia da literatura. Por isso, a questão temporal continua sendo somente uma questão. Todos os estudiosos se preocupam com ela, mas não podem dar, ainda, uma resposta satisfatória: "Uma questão que, como vimos, perturbava George Kubler no ensaio que inspirava o ensaio de Kracauer, que inspirava o ensaio de Hans Robert Jauss, que continua inspirando novas reflexões sobre histórias de literatura" (OLINTO 2003: 34).

Em uma historiografia da literatura positivista, levava-se em consideração a obra, o autor e um pequeno contexto social que conseguisse enquadrar a escola literária à que tal autor pertencesse. O mais importante era o texto em si e a sua estética. Na atualidade, o interesse, nos estudos de literatura, desloca-se do texto literário para um raio amplo em que se situa toda uma produção relativa ao próprio texto, como a edição, recepção, o meio de divulgação, as relações da obra com outras mídias, como a televisão, o cinema, a Internet, etc. Surge, nesse contexto, o que alguns teóricos chamam de sistema literário, de moldura, de campo literário, etc. A abrangência ficou muito maior, quase infinita. É esse sistema que deve ser alcançado quando se fala em escrever uma nova historiografia da literatura.

Se o fenômeno literário se faz múltiplo, as soluções encontradas para entendê-lo, segundo Olinto e alguns teóricos alemães, são insuficientes, são apenas belas metáforas que não esclarecem nada. Ela exemplifica com três "propostas modelares". Uma é derivada dos pensadores franceses Deleuze e Guattari. A imagem do rizoma que cresce desordenadamente seria uma representação da pós-modernidade. A metáfora exporia a visão que se tem do presente como uma multiplicidade cultural infinita, uma interdisciplinaridade crescente nas áreas de conhecimento. Mas para a professora, não se pode chegar a uma teorização que permita "entender os novos espaços da teoria e história da literatura" (OLINTO 2003: 31) com tal conceito. A segunda proposta vem dos Estados Unidos e denomina-se "theory". Trata-se de uma colcha de retalhos em que as várias disciplinas se interpenetram para apoiar o ponto de vista de que se necessita para esclarecer questões de literatura. Segundo a pesquisadora, esse conceito pode causar riscos e inconseqüências se forem tratado de uma forma leviana. Para ela, somente o alemão Siegfried Schmidt trata seriamente a questão ao propor uma solução.

Essa terceira proposta, denominada ciência empírica, formulada por Schmidt, fundamenta-se, igualmente, em teorias sistêmicas complexas e está comprometida com uma interdisciplinaridade. A perspectiva construtivista abrange o sistema literário. Na verdade, o que esse conceito explora são os rizomas e a "theory" que devem ser costurados com uma parcimônia e com molduras eficientes. A base desse modelo é o sistema de Niklas Luhmann, explicitado acima. Na verdade, aqui também não existe uma regra para se seguir. Existe uma espécie de norma que pode chegar a alguma conclusão, mas que, dificilmente, engendrará uma fórmula consistente, mesmo porque, se essa fórmula for descoberta, voltar-se-á para a questão da totalidade iluminista, que está fora de cogitação.

Nesse panorama, vislumbra-se a impossibilidade de se fazer uma historiografia da literatura. "Para muitos, histórias da literatura e, especialmente, conceitos de época perderam sentido e plausibilidade no momento em que os próprios suportes de sua construção são questionados e despedidos" (OLINTO 2003: 42). Ou, pelo menos, se pode fazer uma distinção entre a prática da historiografia de literatura e a teoria da historiografia da literatura, como faz Uwe Japp, citado por Olinto. A questão é tão espinhosa que já se vislumbrou no horizonte a possibilidade de se pensar uma teoria, mas concluiu-se que a prática é complicada. Não é à toa que não existem tantas histórias de literatura contemplando esse formato novo<sup>2</sup>. Por outro lado, já adentrando o século 21, ainda se lançam histórias da literatura com características positivista, linear e teleológico<sup>3</sup>.

2 Confira o trabalho do GT/Anpoll, grupo que procura revitalizar a reflexão teórica e a pesquisa na área da história da literatura, que produziu o livro *Histórias da literatura: teorias, temas e autores*. Note-se a ausência do topônimo nacional, que representa um avanço nesse campo. Afinal, as literaturas, sejam elas de que país for, estão, no mínimo, ligadas com obras e autores de outros espaços nacionais. Nenhuma literatura é pura. Dizer que "tal obra" está subordinada a um país é reduzir o texto e a cultura do homem. Note-se, também, a divisão em três partes. A primeira, teorias, é um reflexo da necessidade dos pesquisadores de se apoiarem na explicação das mudanças formais e de conteúdo, que uma historiografia da literatura propõe na contemporaneidade, para legitimar a própria edição. Outro avanço presente na obra é a estrutura calcada na forma de ensaios, que dão uma unidade temática, mas não impõe a totalidade das antigas histórias da literatura brasileira. MOREIRA, Maria Eunice (org.). *Histórias da literatura: teorias, temas e autores*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 2003.

3 Em 1999, José Aderaldo Castello lançou a sua *A literatura brasileira: origens e unidade*. CASTELLO, José Aderaldo. *A literatura brasileira: origens e unidade*. São Paulo: Edusp, 1999.

Siegfried J. Schmidt se pergunta não somente sobre a impossibilidade de se escrever histórias da literatura, mas também adentra por complexo questionamento: “historiografia literária é necessária?” (SCHMIDT 1996: 101-132) A impossibilidade, como se vem observando, é quase total devido à amplitude de questões que devem ser respondidas pelo historiador. Pode-se substituir o termo impossível por um mais tangível: difícil. Quanto à necessidade, todos esses teóricos são de opinião favorável, pois não estariam propondo perguntas e possíveis respostas para tais questionamentos se não acreditassem nela. O fato de escreverem e publicarem ensaios que tratam do assunto, pressupõe o interesse em acreditar na utilidade da historiografia literária: “Talvez esses estudiosos estivessem corretos em sua decisão: a sociedade parecia necessitar de novas histórias da literatura” (SCHMIDT 1996: 102), escreve Schmidt a respeito de novas histórias da literatura alemã.

A base da necessidade é de fundamento social. No entender de W. Beutin, essa guinada da historiografia literária, em abranger o sistema literário é “uma exigência que deriva, de forma conseqüente, da sua fundamentação histórico-social” (BEUTIN 1986: 115). Na historiografia positivista, a construção da nacionalidade era evidente e necessária. Escrever uma história da literatura brasileira era definir um “espaço” e uma identidade característicos de um povo e sua cultura. Agora que tal definição é questionada, qual seria a relação entre a história da literatura e a sociedade? Se a historiografia positivista construía uma história ideológica com elementos daquele momento (a identidade nacional), a nova historiografia constrói a sua história ideológica com os elementos do seu momento. E o tempo é de desconstruir núcleos homogêneos, centrais e únicos e expor a diversidade formadora de uma sociedade. Não existe mais uma ideologia e sim ideologias. A escrita deve refletir a cultura em constante transformação. As histórias da literatura podem ser necessárias nesse contexto, desde que elas possam refletir, igualmente, a diversidade cultural da sociedade, incluindo não só o livro, mas todo o sistema literário. Schmidt observa que a nova historiografia literária, por enquanto, é mais teórica do que prática: “claro que essas sumárias observações podem somente apontar uma direção; mas acredito que o processo científico de uma disciplina só está completo quando se torna aplicável, e realmente aplicado, na esfera da disciplina, assim como em outras esferas sociais” (OLINTO 2003: 126).

O professor Paulo Franchetti corrobora a perspectiva da impossibilidade, mas centra-se na observação da desnecessária produção de histórias da literatura. Em sua opinião, as narrativas de histórias da literatura não contribuíram para nenhum “conhecimento específico”. “Penso que a história literária narrativa é um gênero em processo acentuado de desgaste, ao qual estará reservado, daqui para frente, um lugar bastante secundário nos estudos literários” (FRANCHETTI 2002: 263). Para ele, a função primordial das histórias literárias era definir uma identidade nacional. Agora que esse discurso foi posto de lado, não restaria nenhum outro objetivo para a historiografia literária. Segundo o pesquisador, a pulverização ideológica da unidade em pluridiversidade faz com que as histórias sociais, e das mentalidades e costumes ocupem o espaço anteriormente preenchido pelas histórias da literatura.

Mais importante do que encontrar respostas, é questionar os impasses experimentados pela historiografia literária. Se os caminhos são muitos e complicados, resta se basear no fazer da pesquisa para tentar encontrar algumas soluções que possam pôr em prática as novas formas de se escrever histórias da literatura. Se ela não produz conhecimento específico, pode muito bem, a partir de agora, mapear as relações entre literatura e sociedade, em um campo maior, de complexidade relevante. Simplesmente, enterrar a disciplina como um corpo morto e em decomposição não auxiliará em nada a tentativa humana de conhecimento de si e da sua cultura. Com as fronteiras do conhecimento mais amplas (elas sempre foram!) por causa da evolução tecnológica, que dá acesso a mais informações, rapidamente, torna-se necessário ficar mais atento às relações interdisciplinares para uma compreensão, não só das disciplinas história e literatura, mas também dessa relação muito atenta entre ambas, que fez surgir uma

área de conhecimento estritamente humana e esclarecedora do mundo literário. A sobrevivência da historiografia da literatura depende da capacidade de abertura para novas possibilidades e do entendimento de que a pulverização da matéria poderá originar a eleição do ensaio como o veículo dos panoramas literários.

Um “historicismo renovado” é o termo que Alfredo Bosi usa para entender a necessidade de uma reformulação na área. Ele, que produziu a mais conhecida e usada história da literatura brasileira, também está na lista dos preocupados com os rumos da disciplina. No seu ensaio “Por um historicismo renovado: reflexo e reflexão na história literária”, o professor se mostra atento ao avanço dos estudos culturais e oferece uma terceira via para a solução, nem tradicional, nem a abertura para a nova área de conhecimento: “Neste final do século XX, quando a prática dos Estudos Culturais se arrisca a simplificar as relações entre literatura e sociedade, vale a penas retomar os nós conceituais da questão” (BOSI 2000: 12-13). A solução para o impasse, segundo ele, está baseada nas experiências de Otto Maria Carpeaux e Antonio Candido. A relação desses dois estudiosos com a literatura e a cultura foi expressa não só em suas obras específicas de historiografia, mas principalmente no conjunto de seus ensaios. Bosi vê neles a base de uma nova historiografia “para a qual a história das expressões simbólicas se abre para dimensões existenciais e culturais múltiplas que não as reduzem à condição de alegorias ideológicas” (2000: 46).

Essa amplitude que inclui literatura e cultura expressa um relacionamento beirando o sistema literário descrito acima. Quando Antonio Candido sistematizou sua metodologia de estudo no tripé autor, obra e sistema, ele projetou, segundo Bosi, um tríplice esquema que analisa as “mediações” e que se abre para um dilatado historicismo cultural retirado do contexto social vigente. Como a cultura não é uma fôrma única, há a necessidade de se selecionar diferenças que dela fazem parte. Grosso modo, Bosi se refere ao uso que Antonio Candido faz dos arquétipos universais ao analisar textos brasileiros. Essa universalidade daria uma característica ampla na literatura brasileira, desde que a cultura do país fosse levada em conta.

Maria Elisa Cevasco aponta e reforça a convergência dos Estudos Culturais proveniente da Inglaterra de Raymond Williams com a fórmula encontrada por um grupo de jovens da USP na década de 40 do século passado, dentre ele Antonio Candido. A base da crítica literária de Candido seria ressaltar a dialética entre arte e sociedade. Nas palavras da ensaísta, “Uma das contribuições teóricas mais produtivas da geração de *Clima* foi essa demonstração de que os projetos culturais são estruturados por um conteúdo histórico-social” (2003: 180). A fórmula “mágica” está apontada e anotada por todos os críticos. A questão está em como utilizá-la, de que ângulo privilegiar a cultura e suas formas de representação.

Detectar a crise na historiografia literária, como já se disse, tornou-se um lugar-comum entre os pesquisadores. Geralmente, é mais fácil apontar os problemas, mas é muito complicado encontrar as soluções. Vários estudiosos lidam com as questões referentes às perguntas e prováveis soluções para tal crise. A problematização da historiografia da literatura deve ser solucionada em três frentes: a questão do cânone, da periodização ou formatação na apresentação de um momento literário (a classificação) e a expansão conceitual de obra-autor-contexto para um sistema literário. Esses itens são as barreiras que deverão ser transpostas, de uma forma ou de outra, se a historiografia literária quiser sobreviver à contingência característica da contemporaneidade. E não apenas sobreviver, mas encontrar a sua razão de “necessidade”.

Nesse setor, é inegável que a área da historiografia ainda continua sendo uma espécie de dicionário para consulta de dados a uma pesquisa, uma curiosidade, isto é, continua sendo um apêndice didático. O próprio Perkins corrobora a dificuldade de se ler uma historiografia literária como se fosse um “romance”. Pressupondo que as histórias de literatura, as formatadas tradicionalmente, desapareçam; as novas historiografias, digamos que na forma de ensaios, continuariam sendo objetos particulares da didática? Como se daria a sua recepção? Haveria um campo diferente do didático para elas? É muito cedo ainda para sabê-lo, mas um dos mé-

ritos da nova historiografia literária será o de provocar o interesse a respeito de outros estudos afins, que venham preencher as suas lacunas.

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BEUTIN, W. História da literatura: porquê e para quê? In: BARRENTO, João. *História literária: problemas e perspectivas*. Lisboa: Apáginastantas, 1986.

CASTELLO, José Aderaldo. *A literatura brasileira: origens e unidade*. São Paulo: Edusp, 1999.

CEVASCO, Maria Elisa. *Dez lições sobre estudos culturais*. São Paulo: Boitempo, 2003.

FRANCHETTI, Paulo. História literária: um gênero em crise. In: *SEMEAR: Revista da cátedra padre Antônio Vieira de estudos portugueses*. Rio de Janeiro, n. 7, 2002.

OLINTO, Heidrun Krieger. Interesse e paixões: histórias de literatura. In: \_\_\_\_\_. *Histórias de literatura: as novas teorias alemãs*. São Paulo: Ática, 1996.

\_\_\_\_\_. Voracidade e velocidade: historiografia sob o signo da contingência. In: MOREIRA, Maria Eunice (Org.). *Histórias da literatura: teorias, temas e autores*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 2003.

PERKINS, David. *História da literatura e narração*. Trad. Maria Ângela Aguiar. Porto Alegre: FALE/PUCRS, 1999.

SCHMIDT, Siegfried J. Sobre a escrita de histórias da literatura: observações de um ponto de vista construtivista. In: OLINTO, Heidrun Krieger (Org.). *Histórias de literatura: as novas teorias alemãs*. São Paulo: Ática, 1996.

*TERESA: Revista de literatura brasileira da USP*. N. 1. São Paulo: USP, Ed. 34, 2000.